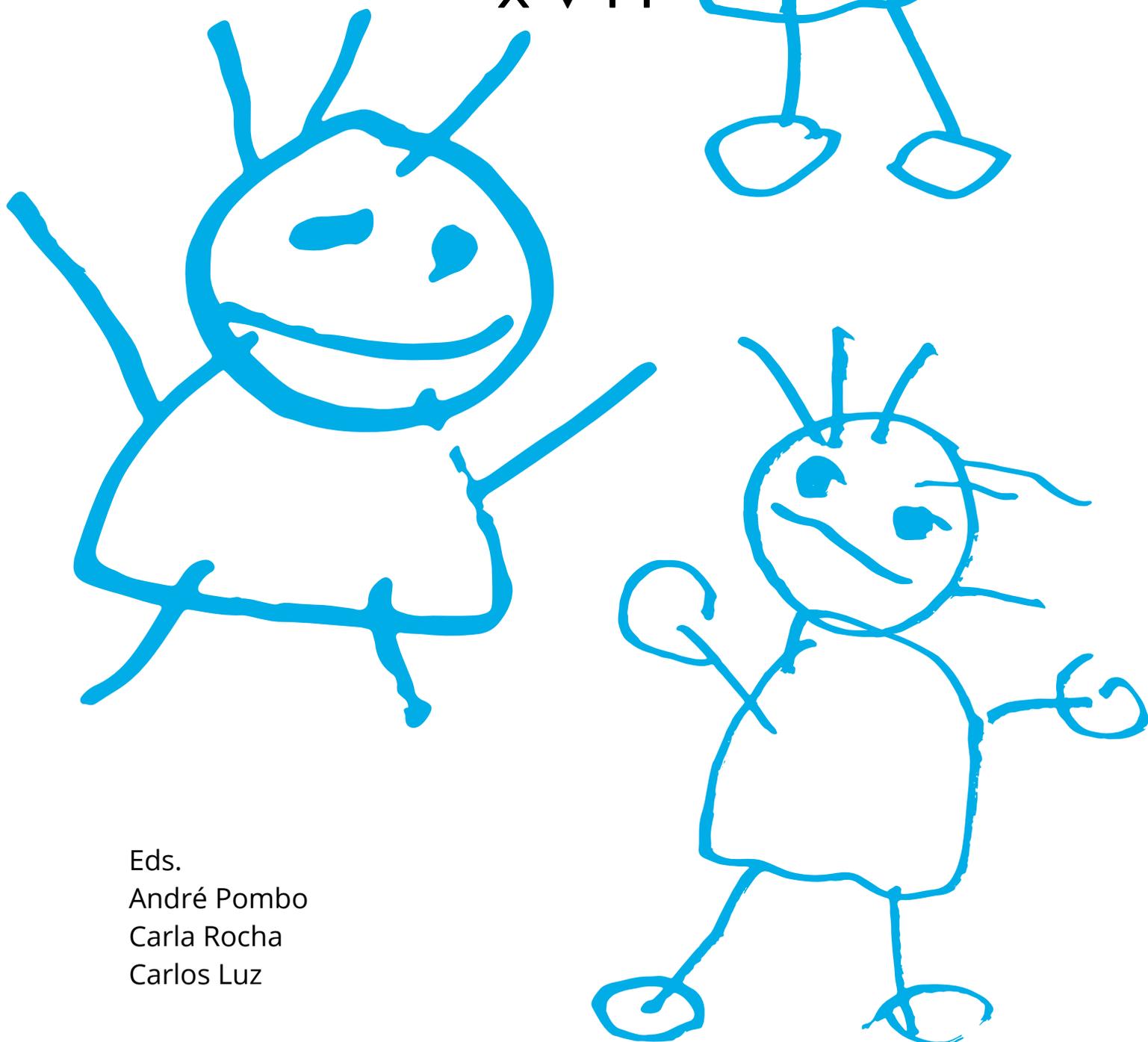


XIX  
SDMC

ESTUDOS EM  
DESENVOLVIMENTO  
MOTOR DA CRIANÇA  
XVII



Eds.  
André Pombo  
Carla Rocha  
Carlos Luz

**DAR VOZ ÀS CRIANÇAS SOBRE OS ESPAÇOS PARA BRINCAR: ONDE BRINCAM ÀS LUTAS?**

GIVING VOICE TO CHILDREN ABOUT PLAY SPACES: WHERE DO THEY PLAY FIGHT?

Guida Veiga<sup>1,2</sup>, Carolina Rebocho<sup>2</sup>, Clarinda Pomar<sup>3,4</sup><sup>1</sup>*Departamento de Desporto e Saúde, Escola de Saúde e Desenvolvimento Humano, Universidade de Évora, Évora, Portugal*<sup>2</sup>*Comprehensive Health Research Centre (CHRC), Universidade de Évora, Évora, Portugal*<sup>3</sup>*Departamento de Pedagogia e Educação, Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora, Évora, Portugal*<sup>4</sup>*Centro de Investigação em Educação e Psicologia, Universidade de Évora, Évora, Portugal***Resumo**

Apesar dos benefícios das brincadeiras de luta para o desenvolvimento e o bem-estar das crianças, muitas são privadas de oportunidades de participar nesta forma de brincadeira. Este estudo tem como objetivo compreender as perspetivas das crianças sobre os espaços das brincadeiras de lutas. Participaram no estudo 56 crianças com idades entre os 4 e os 6 anos (M = 5.00 anos, DP = .81). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com grupos focais constituídos por 4 crianças (4 grupos de meninas, 4 grupos de meninos e 6 grupos mistos). Foi realizada a análise qualitativa das entrevistas segundo os princípios da análise de conteúdo indutiva categorial temática. As categorias identificadas revelam que os espaços abertos, com piso macio e com estruturas, parecem facilitar as brincadeiras de lutas. Mais ainda, de acordo com as perspetivas das crianças, as superfícies que permitem saltar (e.g., trampolim, sofá) parecem também estimular esta forma de brincadeira. Contudo, algumas crianças sentem que as brincadeiras de lutas não são vistas pelos adultos como uma forma de brincadeira adequada no recreio do jardim de infância e, por isso, optam por brincar em espaços onde se podem esconder dos adultos e brincar às lutas livremente.

**Palavras-chave**

Jogo de luta e perseguição; affordances; jardim de infância; análise qualitativa.

**Abstract**

Despite the benefits of play fighting for development and well-being, many children are deprived of opportunities to participate in this form of play. This study aims to understand children's perspectives on play fighting spaces. Fifty-six children aged between 4 and 6 years participated in the study (M = 5.00 years; SD = .81). Semi-structured interviews were carried out with focus groups made up of 4 children (4 groups of girls, 4 groups of boys and 6 mixed groups). Qualitative analysis of the interviews was carried out according to the principles of thematic categorical inductive content analysis. The identified categories reveal that open spaces, with soft floors and structures, seem to facilitate play fighting. Furthermore, according to children's perspectives, surfaces that allow jumping (e.g., trampoline, sofa) also seem to encourage this form of play. However, some preschoolers feel that play fighting is not seen by adults as an appropriate form of play in the kindergarten playground and, therefore, they choose to play in spaces where they can hide from adults and play fights freely.

**Key words**

Rough and tumble play; affordances; kindergarten; qualitative analysis.

**INTRODUÇÃO**

A brincadeira de lutas é um subtipo da brincadeira de luta e perseguição (BLP), o tipo de brincadeira mais controverso. Por ser uma atividade lúdica, corporal, intensa e vigorosa, que pode aparentar ser violenta sem o ser, muitas vezes envolvendo opositores interagindo através de verbalizações e movimentos intensos e sincronizados, a brincadeira de lutas é muitas vezes considerada como um fator de risco e distúrbio [1] sendo muitas vezes proibida nos contextos educativos [2]. No entanto, as crianças gostam de brincar às lutas com os pares, especialmente com os amigos mais próximos, e, efetivamente, brincam às lutas [3]. A frequência de envolvimento na BLP durante o recreio exterior do jardim de infância situa-se entre 13% e 22% para as

meninas e para os meninos respetivamente [4]. No entanto, a maioria dos estudos não distingue as várias formas de BLP (ou seja, brincadeira de perseguição, brincadeira corporal com e sem contacto, brincadeira de lutas). Tanto quanto sabemos, apenas um estudo [5] distinguiu os diferentes tipos de BLP, mostrando que a brincadeira de lutas é a forma menos frequente de BLP das meninas (7%), sendo, no entanto, a segunda forma mais frequente de BLP dos meninos (26,4%). Além disso, em relação ao género dos grupos de brincadeira, as brincadeiras de luta são mais frequentes em grupos formados exclusivamente por meninos (29,3%) e menos frequentes em grupos formados exclusivamente por meninas (5%) [5]. As razões para uma prevalência tão baixa ainda não são claras. No entanto, pode colocar-se a hipótese de esta forma de brincadeira aparentemente violenta estar a ser restringida nos jardins de infância.

Quando as crianças brincam com os seus pares, elas alternam entre dominar e ser dominadas. Esta interação dinâmica exige que as crianças assumam e invertam diferentes papéis e codifiquem e descodifiquem diferentes expressões emocionais. Além disso, esta intensa interação lúdica exige que as crianças regulem as suas emoções mais fortes, mantendo, ao mesmo tempo, o vigor, a excitação e a intensidade emocional da brincadeira sem que ela se transforme numa luta a sério [6,7]. Embora os estudos não tenham focado os diferentes subtipos de BLP, foi mostrado que o envolvimento de crianças em idade pré-escolar nas BLP está associado positivamente à compreensão e regulação das emoções [8]. Além disso, como a luta envolve a inversão de papéis e a realização de movimentos amplos, vigorosos e de oposição, permite que as crianças reconheçam não apenas os seus próprios limites e capacidades, mas também os dos outros, proporcionando-lhes assim uma oportunidade de compreender como o seu o comportamento afeta os outros [9].

Apesar do potencial das brincadeiras de luta, muitas crianças são privadas de oportunidades de participar nesta forma de brincadeira. De acordo com a teoria das affordances, cada ambiente oferece características físicas (e.g., pisos, objetos) e sociais (e.g., pessoas, regras) que permitem diferentes possibilidades de ações e comportamentos [10,11]. Especificamente no que diz respeito às crianças, um contexto ao ar livre “convida” a diferentes tipos de brincadeiras; dependendo das características do contexto e da criança, serão evocadas diferentes brincadeiras [12]. Estudos sobre a relação entre o design de espaços lúdicos e os comportamentos de brincadeira revelaram que os contextos exteriores incentivam as brincadeiras de atividade física [13]. De facto, estudos observacionais sobre o comportamento lúdico de crianças mostraram que as brincadeiras de atividade física (onde se incluem as BLP) são as mais frequentes no espaço exterior do jardim de infância [4]. Apesar da falta de investigação sobre o tema, um estudo observacional recente mostrou que a BLP é mais comum em espaços com áreas abertas, sem obstáculos e com pisos macios (e.g., relva, tapetes, colchões) disponíveis [5]. Hart e Tannock [2] sugeriram que os materiais de construção macios podem também facilitar as brincadeiras de luta, e Carlson [15] enfatizou a importância de os adultos providenciarem espaços lúdicos onde as crianças sintam que se podem movimentar com conforto e segurança. Também as affordances sociais influenciam criticamente o envolvimento nas BLP. Estudos anteriores demonstraram que no jardim de infância as BLP, e particularmente as brincadeiras de lutas, não são permitidas pelos adultos [9; 16;17] sendo percebidas pelas crianças como proibidas [2]. Até à data, apenas um estudo envolveu as perspetivas das crianças sobre as BLP. No entanto, não especificou as suas formas, e particularmente as brincadeiras de lutas, não focou os espaços para brincar às lutas e o seu objetivo principal não foi o de compreender as perspetivas das crianças. Dando valor à participação significativa das crianças na investigação [18;19], em linha com o Artigo 12º da Convenção sobre os Direitos da Criança [20] e com o Comentário Geral nº17 das Nações Unidas [21], este estudo tem como objetivo compreender as perspetivas das crianças sobre os espaços das brincadeiras de lutas.

## MÉTODOS

### *Participantes e Procedimentos*

O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Universidade de Évora. Depois de o diretor e as educadoras de um jardim de infância da cidade de Évora, Portugal, terem concordado em participar, os/as encarregados/as de educação foram informado/as sobre o estudo e foi solicitado o seu consentimento. Participaram no estudo 56 crianças com idades entre os 4 e os 6 anos ( $M = 5.00$  anos;  $DP = .81$ ).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com grupos focais constituídos por 4 crianças (4 grupos de meninas, 4 grupos de meninos e 6 grupos mistos). Foram apresentados 2 vídeos curtos (52 seg.) de crianças a brincarem às lutas no recreio do jardim de infância, como base para iniciar a conversa. As entrevistas foram conduzidas de forma a manter o contato visual entre a moderadora e todas as crianças participantes, e foram gravadas em vídeo para facilitar a transcrição. As perguntas foram direcionadas ao grupo, tendo sido

incentivada a contribuição de todas as crianças. A moderadora facilitou as discussões sem expressar julgamentos de valor sobre as respostas, controlou o tempo e administrou a sequência das intervenções. Apesar de haver um guião pré-definido, a ordem das perguntas poderia mudar dependendo do desenvolvimento da discussão gerada. A duração máxima das entrevistas foi de 30 minutos, considerando a idade e o tamanho dos grupos. A distribuição do tempo da entrevista foi a seguinte:

Parte I: Introdução e informação sobre os objetivos e funcionamento do grupo focal (3 min.);

Parte II: Apresentação do vídeo (52 seg.);

Parte II: Discussão de questões específicas: 1) Questões sobre as perspetivas das crianças sobre as brincadeiras de luta (5 min.); 2) Questões sobre os motivos da participação nas brincadeiras de luta (5 min.); 3) Questões sobre as diferenças entre luta a brincar e luta a sério (5 min.); 4) Questões sobre o conhecimento das “regras” para brincar às lutas (5 min.); 5) Questões sobre as dificuldades sentidas nas brincadeiras de luta (5 min.);

Parte III: Conclusão e agradecimentos (2min.).

Este estudo faz parte de um estudo maior. A questão referente espaços para brincar às lutas foi feita no primeiro conjunto de questões (Onde brincam às lutas? Porquê?).

#### *Análise*

No que diz respeito à análise qualitativa, a análise dos dados foi realizada segundo os princípios da análise de conteúdo indutiva categorial temática [22,23].

Após a transcrição das entrevistas, foram registradas todas as unidades de significado (todas as frases, palavras ou expressões que nos dão informações sobre as categorias definidas), e identificadas e alocadas a cada categoria anteriormente mencionada. Dentro de cada categoria definimos subcategorias e indicadores (que podem ser identificados dentro de cada subcategoria para agrupar as unidades de significado. De seguida, foram contadas as frequências (número de vezes que falaram sobre cada indicador). Quanto maior o valor frequência, maior será a importância dada pelas crianças a cada indicador, subcategoria e categoria.

## RESULTADOS

Dentro da categoria “recreio como espaço genérico”, o recreio, em geral, foi o local mais mencionado para as brincadeiras de luta (f=15). Embora a maioria das meninas assumisse que não se envolvia nas brincadeiras de luta, conseguiu reconhecer os espaços onde os meninos normalmente o fazem.

Na categoria “locais específicos de recreio” foram identificadas quatro subcategorias relevantes: “espaços com piso macio e área aberta”, “espaços com estruturas”, “espaços com cobertura” e “espaços com esconderijos”. Dentro da subcategoria “espaços com piso macio e área aberta” surgiram dois indicadores, especificamente a “relva” (f=5), referido por 5 crianças, e o “tapete” (f=3) referido por 3. Na subcategoria “espaços com estruturas” foi mencionado o indicador “cordas” (f=2). Na subcategoria “espaços com cobertura” foi observado um indicador relevante, o “telhado” (f=3), e na subcategoria “espaços com esconderijos” foram identificados dois indicadores, o “castelo” (f=4) e a “casinha de brincar” (f=3), referidos por 4 e por 3 crianças, respetivamente.

Em relação à categoria “casa”, duas crianças indicaram que só brincavam às lutas na (sua) “casa”.

No que diz respeito à categoria “espaços onde não se brinca às lutas”, houve dois indicadores relevantes, nomeadamente o “recreio” (f=4), referido por quatro crianças, e a “sala” (f=1), referido por uma.

Na categoria “espaços onde gostariam de brincar às lutas” foi observado o indicador “casa” (f=1) e dentro da subcategoria “espaços com piso macio” foi possível observar três indicadores “cama” (f=1), “trampolim” (f=1) e “sofá” (f=1).

Algumas meninas disseram que não brincam às lutas no jardim de infância pelo receio de se magoarem, mas que se brincassem o fariam em casa, no sofá, na cama ou num trampolim. Algumas meninas referiram que dentro da sala não se brinca às lutas porque se não ficam de castigo. No recreio também não é permitido, mas as crianças envolvem-se na mesma na brincadeira de lutas. Alguns meninos disseram que “a casinha é muito pequena para se cair, bate-se com a cabeça” e que “o castelo dá para mais meninos brincarem às lutas porque tem mais espaço”.

**Tabela 1. Características dos espaços onde as crianças brincam às lutas**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>e.g., unidades de registo</b>	<b>Frequências (f)</b>
Recreio com espaço genérico		Recreio	“lá fora” (E7, ♂ 1) “é no recreio quase todo” (E8, ♀ 1)	15
Locais específicos do recreio (mais)		Tapete	“mas há uma parte fofinha que...sim [dá para cair] e não magoamos. É o tapete” (E3, ♀ 4)	3

afastados da supervisão e controlo de educadores)	Espaços com piso macio e áreas abertas		“no tapete” (E10, ♀ 4)	
		Relva	“na relva” (E6, ♂ 2) “ele brinca ali ao pé daquela árvore, da oliveira, na relva” (E7, ♀ 2) “elas fogem pela relva” (E14, ♂ 1)	5
	Espaços com estruturas	Cordas	“ali nas cordas” (E11, ♂ 2)	2
	Espaços com telhado	Debaixo do telhado	“é ali na parte cinzenta onde nós lutamos...tem lá o telhado por cima...é o alpendre” (E1, ♂ 1)	3
	Espaços que permitem esconder	Casinha	“ou na casinha” (E5, ♂ 4)	3
		Castelo	“eu às vezes estou escondida a lutar...lá naquele castelo” (E9, ♀ 1) “no castelo... porque quando ela (auxiliar) não nos apanha, que é quando ela não nos vê, podemos continuar” (E13, ♂ 3)	4
Casa		Casa	“eu costumo brincar em casa do meu pai” (E12, ♂ 1)	2
Lugares onde não se brinca às lutas		Sala	“não [dentro da sala]” (E3, ♀ 2)	1
		Recreio	“não [no recreio]” (E3, ♀ 2) “não” [na escola] (E12, ♂ 1)	4
Lugares onde gostariam de brincar às lutas	Espaços com superfícies macios	Trampolim	“brincávamos num trampolim” (E3, ♀ 4)	1
		Cama	“ou então numa cama” (E3, ♀ 4)	1
		Sofá	“e também podemos brincar às lutas no sofá” (E3, ♀ 3)	1
		Casa	“em casa” (E3, ♀ 1)	1

Nota: E, entrevista; #, número da entrevista; ♀, menina; ♂, menino.

## DISCUSSÃO e CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo dar voz às crianças de idade pré-escolar em relação aos espaços onde elas brincam às lutas. Segundo as crianças, espaços abertos com piso macio e com estruturas disponíveis, parecem facilitar as brincadeiras de lutas. Mais ainda, de acordo com as perspetivas das crianças, as superfícies que permitem saltar (e.g., trampolim, sofá) parecem também estimular esta forma de brincadeira. Contudo, algumas crianças sentem que as brincadeiras de lutas não são vistas pelos adultos como uma forma de brincadeira adequada no recreio do jardim de infância e, por isso, optam por brincar em espaços onde se podem esconder dos adultos e brincar às lutas livremente.

Quando as crianças foram questionadas sobre onde brincam às lutas, a maioria referiu o recreio; no entanto, para uma minoria, as brincadeiras de lutas não são permitidas no jardim de infância, seja dentro da sala, seja fora. Esta constatação está alinhada com estudos anteriores que mostraram que os professores consideram esta forma de brincadeira inadequada nas instalações do jardim de infância, impondo restrições às brincadeiras de lutas [2]. Tais restrições podem estar a privar as crianças de tirar o melhor partido desta importante forma de brincadeira. Além dos benefícios para o desenvolvimento sócio-emocional mencionados na introdução, este tipo de brincadeira permite que as crianças se envolvam socialmente, com todo o seu corpo, mente, voz e sentidos [21], o que é de suma importância para o seu bem-estar, a curto e a longo prazo. Possivelmente tais regras tão restritivas em relação às brincadeiras de lutas podem ser devidas à falta de conhecimento sobre os seus benefícios e à falta de competências pedagógicas para facilitar as brincadeiras no contexto da educação pré-escolar, conforme revelado por estudos anteriores [2]. Assim, será importante que projetos de investigação futura procurem capacitar os/as educadores/as da educação pré-escolar com conhecimentos e competências para gerir as brincadeiras de lutas e examinar o impacto dessa capacitação profissional nas práticas educativas dos/das educadores/as e no desenvolvimento e bem-estar das crianças.

Os resultados mostram que espaços com áreas abertas, pisos macios, com uma supervisão relativamente distante, convidam às brincadeiras de lutas, o que vai ao encontro ao que tem sido argumentado por outros autores relativamente às affordances físicas que facilitam as BLP [14; 21; 5; 7]. Considerando que em Portugal a maioria dos espaços de recreio não dispõe de espaços com relva ou de outras superfícies macias, esta informação deverá informar e promover mudanças na concepção/remodelação destes espaços, quer

exteriores, quer interiores. Efetivamente, quando as instituições de educação infantil dispõem de espaços interiores para brincar às lutas, este tipo de brincadeira tem uma maior tendência a ocorrer no interior do que no exterior, resultando num aumento dos níveis de atividade física das crianças [5].

É importante ressaltar que mesmo percebendo as brincadeiras de lutas como um comportamento indesejável pelos adultos, as crianças encontram espaços para se envolverem, como a casinha ou o castelo. Este resultado sugere a importância e a necessidade das brincadeiras de lutas para as crianças em idade pré-escolar, especialmente para os meninos, e, novamente, reforça a importância de capacitar os adultos, promovendo o conhecimento sobre a importância das brincadeiras de lutas para o desenvolvimento e o bem-estar das crianças em idade pré-escolar, e o desenvolvimento de competências para facilitar esse tipo de brincadeira nos ambientes educativos. Existem algumas estratégias para facilitar as brincadeiras de lutas. O primeiro passo é identificar um espaço de que seja grande o suficiente e que forneça materiais de construção macios. Além disso, esta área deve estar livre de crianças que não queiram participar nestas brincadeiras e livre de atividades de aprendizagem. Este espaço lúdico pode existir quer no interior, quer no exterior, sendo importante garantir a existência de pisos macios, como colchões ou relva [14].

Por fim, é possível observar as diferenças de género relativamente à identificação dos espaços para brincar às lutas. Em linha com estudos observacionais anteriores [4;5;8], a maioria das meninas relatou não participar em brincadeiras de lutas. No entanto, conseguiram identificar os espaços onde os meninos normalmente participam nestas brincadeiras. No seu conjunto, estas conclusões destacam a influência do género nas brincadeiras de lutas e as suas potenciais implicações para a socialização.

## Financiamento



Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto RIGHT PLAY (2023.00119.RESTART).

## REFERÊNCIAS

- Holland P. EBOOK: We don't play with guns here. McGraw-Hill Education (UK); 2003
- Tannock MT. Rough and tumble play: An investigation of the perceptions of educators and young children. *Early Childhood Education Journal*. 2008;35:357-61.
- Smith PK, Hunter T, Carvalho AM, Costabile A. Children's perceptions of playfighting, playchasing and real fighting: a cross-national interview study. *Social Development*. 1992 Sep;1(3):211-29.
- Veiga G, De Leng W, Cachucho R, Ketelaar L, Kok JN, Knobbe A, Neto C, Rieffe C. Social competence at the playground: Preschoolers during recess. *Infant and Child Development*. 2017 Jan;26(1):e1957.
- Storli R. Children's rough-and-tumble play in a supportive early childhood education and care environment. *International journal of environmental research and public health*. 2021 Oct 5;18(19):10469.
- Flanders JL, Simard M, Paquette D, Parent S, Vitaro F, Pihl RO, Séguin JR. Rough-and-tumble play and the development of physical aggression and emotion regulation: A five-year follow-up study. *Journal of family violence*. 2010 May;25:357-67.
- Pellegrini AD, Smith PK. Physical activity play: The nature and function of a neglected aspect of play. *Child development*. 1998 Jun;69(3):577-98.
- Lindsey EW, Colwell MJ. Pretend and physical play: Links to preschoolers' affective social competence. *Merrill-Palmer Quarterly*. 2013 Jul 1;59(3):330-60.
- Logue ME, Harvey H. Preschool teachers' views of active play. *Journal of Research in Childhood Education*. 2009 Dec 28;24(1):32-49.
- Gibson JJ. The theory of affordances. *The ecological approach to visual perception. The people, place and, space reader*. 1979:56-60.
- Kyttä M. Affordances of children's environments in the context of cities, small towns, suburbs and rural villages in Finland and Belarus. *Journal of environmental psychology*. 2002 Mar 1;22(1-2):109-23.
- Heft H. Affordances of children's environments: A functional approach to environmental description. *Children's environments quarterly*. 1988 Oct 1:29-37.
- Stephenson A. Opening up the outdoors: Exploring the relationship between the indoor and outdoor environments of a centre. *European Early Childhood Education Research Journal*. 2002 Jan 1;10(1):29-38.

14. Hart JL, Tannock MT. Playful aggression in early childhood settings. *Children Australia*. 2013 Sep;38(3):106-14.
15. Carlson F. Rough and Tumble Play 101. *Childcare Exchange*. 2009 Jul, 70 – 72.
16. Koustourakis GS, Rompola C, Asimaki A. Rough and tumble play and gender in kindergarten: Perceptions of kindergarten teachers. *International Research in Education*. 2015;3(2):93-109.
17. Tannock MT. Rough and tumble play: An investigation of the perceptions of educators and young children. *Early Childhood Education Journal*. 2008 Feb;35:357-61.
18. Dillon J, Rickinson M, Teamey K. The value of outdoor learning: evidence from research in the UK and elsewhere. In *Towards a convergence between science and environmental education 2016 Oct 14* (pp. 193-200). Routledge.
19. Kennan D, Brady B, Forkan C. Space, voice, audience and influence: The Lundy model of participation (2007) in child welfare practice. *Practice*. 2019 May 27;31(3):205-18.
20. United Nations Convention on the Rights of the Child. *Handbook of Human Rights*. 2012 Feb 20.
21. United Nations. General Comment No. 17 Convention on the Rights of the Child. 2013
21. Siklander P, Ernst J, Storli R. Young children's perspectives regarding rough and tumble play: A systematic review. *Journal of Early Childhood Education Research*. 2020 July; 9(2):551-572
22. Bardin L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70. São Paulo: Edições. 2016;70.
23. Esteves M. *Análise de conteúdo*. Fazer investigação. Contributos para a elaboração de dissertações e teses. 2006:105-26.



**Título** ESTUDOS EM DESENVOLVIMENTO MOTOR DA CRIANÇA XVII

**Eds.** André Pombo, Carla Rocha & Carlos Luz

**Edição** Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Lisboa

**Coordenação Editorial** André Pombo

**Execução** PUCK PRODUÇÕES, UNIPessoal LDA

**Tiragem** 60

**Depósito Legal** 539291/24

**ISBN** 978-989-8912-24-4

---

ANO DE EDIÇÃO 2024

É PROIBIDA A DUPLICAÇÃO OU REPRODUÇÃO DESTE VOLUME, NO TODO OU EM PARTE, SOB QUALQUER FORMA OU POR QUALQUER MEIO (ELETRÓNICO, MECÂNICO, GRAVAÇÃO, FOTOCÓPIA, ENTRE OUTROS), SEM PERMISSÃO EXPRESSA DOS EDITORES E DOS AUTORES.

RESERVADO TODOS OS DIREITOS DE PUBLICAÇÃO AOS AUTORES E EDITORES

©TEXTOS E IMAGENS DA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES



ESCOLA SUPERIOR  
DE EDUCAÇÃO  
DE LISBOA

Com o apoio:

